

A Pedagogia Freudiana?

Sergio Sklar*

Resumo: Reavendo o instigante encontro que se estabeleceu entre Freud e o teólogo-pedagogo Oskar Pfister, percorremos, neste texto, como a educação se tornou um tema privilegiado na reflexão de Freud. Estabelecemos as bases pelas quais a psicanálise se aproxima da pedagogia, delimitando três etapas no discurso freudiano: inicialmente, de 1909 a 1913, em seguida, de 1914 a 1925 e, finalmente, de 1925 a 1933.

Palavras-chave: Psicanálise; Pedagogia; Pfister; Freud.



Oskar Pfister (1873-1856)

1. A educação em questão para Freud Psicanálise e pedagogia juntas?

Se considerarmos a atenção dispensada por Freud à educação e o modo entusiástico com que o pastor e educador Oskar Pfister (1873-1856, Zurique), doutor em filosofia e doutor *honoris causa* em teologia, aproxima a investigação psicanalítica dos processos educacionais, sem dúvida. O encontro mesmo dos dois investigadores, suas trocas e controvérsias, acendem a chama da erudição que acompanha a colocação da obra freudiana no cenário das ciências. Além do prefácio escrito

por Freud, em 1913, a um livro em que o pedagogo-teólogo suíço manifesta seu encanto com o direcionamento psicanalítico para a educação, intitulado, *O Método Psicanalítico: Uma Exposição Empírico-sistemática* (FREUD, 1991a, p.448-450) e uma longa correspondência entre os dois, de 1909 a 1938 (FREUD, 1980), Pfister é assim lembrado:

(a) no texto freudiano *O Interesse Científico da Psicanálise*, de 1913, pela articulação entre a ação pedagógica e as concepções psicanalíticas, em que a educação se reconcilia com fases do desenvolvimento infantil e assimila a contribuição significativa de impulsos perversos e associas para a formação do caráter, servindo, ainda, de profilaxia individual às neuroses (FREUD, 1996b, p.419-420);

(b) na *História do Movimento Psicanalítico*, publicado em 1914, por Pfister ter se esforçado

em aproximar as idéias freudianas do trabalho de educadores e párocos, assinalando seu papel frente aos psicanalistas vienenses, os quais, influenciados pelo novo referencial teórico, se voltam, já em 1914, para o alto valor que se deve atribuir a uma “espécie de pedagogia médica” (FREUD, 1991b, p.78-79);

(c) em *Psicanálise e Teoria da Libido*, de 1923, pela atenção despertada de pastores e pedagogos para as investigações psicanalíticas (FREUD, 1987, p.228-229);

(d) na *Autobiografia* (1925), por Pfister ter aberto o caminho pelo qual a sexualidade e o desenvolvimento psíquico das crianças se encontram com a atividade educacional (FREUD, 1991d, p.95-96).

Duas idéias percorrem centralmente estas menções. De um lado, a intolerância dispensada por Freud sobre as pressões colocadas pela civilização, produzindo conflitos comportamentais que impedem o controle e filtragem, pela instância do ego, de processos psíquicos dimensionados entre as necessidades biológicas (exigências de impulsos ou pulsões) e a adaptação à vida prática (imposições sociais) – neuroses culturais. Conforme assinala, pedagogos analistas retificariam uma lacuna deste porte. De outro lado, quando verifica que a supressão na infância de transtornos nervosos e modificações no caráter envolve psicanalistas e pedagogos, ao afirmar em *A Questão da Análise Leiga*, de 1926 (FREUD, 1991f, p.284-285):

“Por meio de um tratamento que misture a influência analítica com medidas pedagógicas, desenvolvido

por pessoas que não desprezam ocupar-se de circunstâncias do ambiente infantil, e compreendem o caminho para entrar na vida anímica da criança, consegue-se prontamente tanto suprimir os transtornos nervosos, quanto desfazer a nascente modificação de caráter. Nosso conhecimento sobre o significado das neuroses infantis – discretas, com frequência –, como disposição para graves enfermidades ulteriores, nos mostra que estas análises de crianças servem como excelente meio profilático. É inegável que a psicanálise ainda tenha muitos inimigos. Não sei de que meio poderão dispor para também evitar a atividade de analistas pedagógicos, ou pedagogos analistas, e não creio possível que consigam isto totalmente. Mas, nunca se pode estar totalmente tão seguro”.

A ação dos supostos inimigos não conseguiu deter, de fato, a união das duas áreas. Esta é devidamente enfatizada em seu texto autobiográfico de 1925, mesmo sendo colocada ao lado de uma isenção pessoal para impor um rumo pedagógico às suas ponderações:

“Pessoalmente, nada contribuí para a aplicação da psicanálise à pedagogia; mas era natural que os descobrimentos analíticos referentes à vida sexual e desenvolvimento anímico das crianças atraíssem a atenção dos pedagogos, deixando ver uma nova luz sobre seu trabalho educador. Neste sentido, foi um infatigável precursor o pastor protestante Oskar Pfister, de Zurique (...)” (FREUD: 1991d, 95-96).

Os termos são bem claros no que diz respeito ao acesso natural de educadores sobre pontos privilegiados pela psicanálise. Por ele, redirecionamos nosso confronto teórico com a

sexualidade e a infância, ampliando o enfoque psicanalítico do desenvolvimento infantil a outros domínios que se voltam para a subjetividade humana, entre os quais, a educação. Breve, ele define um dos muitos interesses científicos, dentro de uma grande teoria: e é à sua projeção na obra freudiana que nos dirigimos neste momento.

2. A Correspondência com Pfister (1909-1937) e a formulação de um referencial pedagógico-psicanalítico entre 1909 e 1913

Como afirma Ernst Freud, as cartas trocadas entre seu pai e Pfister acompanham a fundação e estabelecimento das bases da psicanálise (1909-1938), sendo a última datada do dia 18 de março de 1938. Conjugua 134 manuscritos – cartas, postais e telegramas –, 100 editados sem cortes, não contendo, no entanto, uma boa parte dos originais de Pfister, os quais, por desejo próprio, foram destruídos por seu interlocutor.

Carinhosamente lembrado pela filha de Freud, Anna, o pedagogo-teólogo era recebido com nítido entusiasmo pela família. Ela recorda que seu pai o considerava não um “santo homem, mas certo flautista de Hamelin, que só precisava tocar seu instrumento para ter uma multidão de partidários atrás de si” (FREUD, PFISTER, 1980, p.10). Alto apreço manifestado logo na primeira carta de Freud ao amigo em 18 de janeiro de 1909, salientando como suas investigações, ao delinear um tronco comum, “(...) foram absorvidas pelos pastores, que têm livre acesso às almas de tantos indivíduos jovens e valorosos” (FREUD, PFISTER, 1980, p.11). Ele sugere, assim, no que diz respeito à psicanálise, de que modo ela encontraria as mais adequadas circunstâncias para ser usada, se fosse confrontada com

uma situação normal: o mundo psíquico dos sãos. E era por este confronto que Pfister marcava sua atuação teológico-pedagógica.

Mas é como educador que sua importância cresce consideravelmente para a teoria freudiana. Encantado com a psicanálise em 1908, começa a formular uma pedagogia sob um olhar psicológico, influenciando decisivamente o emprego das concepções psicanalíticas ao domínio educacional. Rende um nome próprio a este enlaçamento conceitual: “psicanálise pedagógica (*Pädanalyse*)” (FREUD, PFISTER, 1980, p.80).

Pfister é crítico quando se debruça sobre a teologia; conforme ressalta na carta do dia 10/09/1926, ela se perde numa vã disputa por princípios (FREUD, PFISTER, 1980, p.110), ao invés de se preocupar com o bem-estar psíquico e humano. Para sanar esta lacuna, esforçou-se para estabelecer uma ponte entre o discurso freudiano e as reflexões teológicas e pedagógicas. O passo, entretanto, não diminuiu suas discordâncias com as idéias levantadas por Freud no texto *Futuro de uma Ilusão* publicado em 1927 (FREUD, 1991h) – sobre as imposições e renúncias psicológicas da civilização, as representações religiosas, suas origens, ilusões, as relações civilização-religião, religião-ciência –, aprofundando-as num manuscrito-resposta, “*Ilusão de um Futuro*” (PFISTER, 1993, p.557, 579). Um resumo das diferentes posições mantidas nos dois textos aparece na carta de 20/02/1928, quando Pfister, defendendo um evangelismo livre, afirma ao amigo:

“A diferença baseia-se principalmente no fato de que o senhor cresceu próximo das formas religiosas patológicas, sendo estas vistas como ‘a religião’; eu tenho a

sorte de me permitir voltar para uma forma religiosa livre, a qual parece para o senhor um esvaziamento do Cristianismo, enquanto eu a vejo como o central e substancial do evangelismo” (FREUD, PFISTER, 1980, p.131).

Porém, as divergências não impediram uma incitante reflexão voltada para o homem ao longo da correspondência entre os dois, motivando o diálogo contínuo da psicanálise com a atividade pedagógica do educador. A infância, nesta correspondência entre as áreas, mesmo lembrada nas cartas, só merece maiores considerações a partir da análise e cura do pequeno Hans (Outubro/1907 a Outubro/1908), no momento em que Freud manifesta-se claramente a favor da educação infantil, considerando-a decisiva para deter ou desencadear neuroses:

“É muito plausível o fato de que a educação da criança possa exercer uma poderosa influência a favor ou contra o que resulta numa disposição à neurose, mas aquilo para o que a educação deve aspirar e no que intervém, permanecem pontos absolutamente discutíveis” (FREUD, 1993, p.377).

A influência aqui mencionada está atrelada a uma mudança de perspectiva com relação aos meios educacionais. Em poucas palavras: minimizar a dominação ou repressão das pulsões que estão na base do comportamento infantil, como instrumento prioritário para a atuação do educador. Usual na época, este meio, conforme afirma Freud, não rendeu resultados satisfatórios. Ele convida a caminhar numa direção diferente, assinalando que a socialização do indivíduo deveria ocorrer segundo perdas mínimas da capacidade de agir ou se comportar. Observando o cumprimento desta regra e acrescentando os devidos

esclarecimentos psicanalíticos sobre a proveniência das patologias psíquicas e as estruturas das diversas neuroses, o pedagogo teria em mãos as mais valiosas bases para regular os procedimentos que adota com relação às crianças.

Esta regulação incluiria o cuidado em não impor fins pessoais às tendências liberadas do comportamento infantil, como consta em *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise*, de 1912. Freud (1996a, p.385) defende a idéia de que o educador, próximo do analista, deva restringir suas diligências às capacidades próprias do ser com quem atua. Desaprova plasmar-se a vida do educando com fins que o mesmo não possa comportar. Pois o educador psicanalítico, segundo indica um ano depois no prefácio a Pfister, aproximando-se necessariamente da infância e juventude, seria obrigado a identificar-se com as circunstâncias psíquicas infantis e juvenis; sua responsabilidade chega mesmo a se sobrepor à do analista:

“Em um único e determinado ponto, a responsabilidade do educador talvez seja maior do que a do médico. O médico deve agir regularmente sobre formações psíquicas já estabelecidas, rígidas, encontrando, na individualidade acabada do doente, um limite à sua própria atividade, mas, também, uma garantia para a independência do paciente. Já o educador trabalha com um material plástico, acessível a qualquer impressão, e deve se impor o compromisso de não plasmar a jovem vida psíquica de acordo com seus próprios ideais pessoais, mas deve antes moldá-la às disposições e possibilidades particulares do objeto” (FREUD, 1991a, p.450).

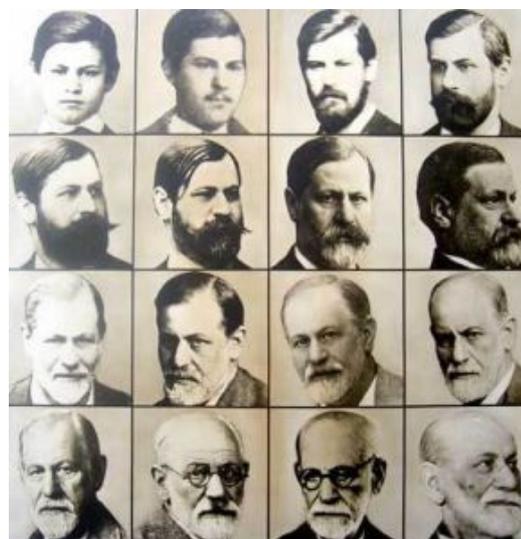
E é a ênfase ao acesso do educador no universo psíquico das crianças que vai

marcar o ano de 1913. Reconsiderando análises e evidências clínicas, a este respeito, Freud retoma a incompreensão dos adultos para o bom entendimento do desenvolvimento psicológico infantil, indicando a sua retificação pela psicanálise, caso os educadores se reconciliassem com determinadas fases do desenvolvimento anímico, assimilando a importância na infância dos impulsos perversos e associativos. Para alcançar este fim, no entanto, um novo olhar sobre a normalidade comportamental tornava-se necessário.

Com a ajuda do trabalho clínico, este passo se concretizou. Por ele demonstrava-se que o adoecimento psicológico ligava-se ao mau uso dos meios educacionais, resultando em perdas do rendimento e gozo psíquicos. Esta má utilização poderia ser corrigida, se fosse precisada a contribuição dada pelas facetas perversas e associativas na formação do caráter infantil através da sublimação – desvio dos fins originários das pulsões para propósitos diferentes e valiosos. Idéia básica: impor ao educador a idéia de que “nossas melhores virtudes cresceram, sob a forma de reações e sublimações, sobre o terreno das piores disposições” (FREUD, 1996b, p.420).

Os alvos educacionais, voltados para a incorporação de formas no comportamento do educando, estavam em jogo. Em última instância, segundo concluía clinicamente Freud, a fixação psíquica destas formas condicionava-se à ação de impulsos, energias, que constituem as disposições comportamentais. De sua precedência, “a educação deveria evitar, por precaução, soterrar as preciosas fontes de energia [das disposições] e limitar-se a impulsionar os processos por meio dos quais são dirigidas tais energias por bons caminhos” (FREUD, 1996b,

p.420). Apenas cumprindo tal tarefa – menção importante –, ela passaria a ser um poderoso meio profilático contra o desenvolvimento individual das neuroses. E é sob a inspiração a pensar como se concretiza este fim, que o discurso freudiano torna-se promissor entre 1909-1913 para articular ainda mais a colocação lado a lado das pretensões pedagógicas com os princípios psicanalíticos. Se esta articulação vai se consolidar, é o que nossos próximos passos devem precisar.



3. A educação para Freud: 1914-1925

Conforme vimos anteriormente, o nome de Pfister é lembrado na *História do Movimento Psicanalítico*, de 1914 (FREUD, 1991b, p.78-79). Freud reconhece ali que suas investigações sobre os impulsos sexuais e destinos da sexualidade foram decisivas no seu acesso à pedagogia. Em seguida, relevando os esforços dispensados pelo pedagogo-teólogo suíço em aplicar noções psicanalíticas ao campo educacional, revê seu papel diante dos psicanalistas vienenses, os quais passam a vislumbrar, já em 1914, o alto significado teórico atribuído a certa pedagogia médica.

Como caracterizá-la?

A resposta nos leva a avançar no tempo, com o texto “*Tipos característicos do trabalho psicanalítico*”, de 1916, sob o entendimento do que mobiliza centralmente a atividade analítica: distanciar o analisando dos prazeres fugazes e imediatos. Quem se sujeita à análise, aprende a trocar satisfações, que conduzem a danos psíquicos por se concentrarem na busca do prazer, por outras mais seguras, não obstante adiadas – integrando a realidade. Em outras palavras, se educa por meio da “influência que um homem exerce sobre outro ser humano” (FREUD, 1991c, p.366). E esta capacidade de influenciar estaria condicionada ao bom uso da força do amor. Ele é tanto a peça-chave para a consolidação dos primeiros elos humanos educacionais – quando os homens aprendem a “respeitar os mandamentos da necessidade e evitar os castigos das transgressões dos mesmos” (FREUD, 1991c, p.366) –, quanto o alicerce pelo qual se cumpre a missão preventivo-pedagógica contra as neuroses – fim da pedagogia, aliás, que se realça uma vez mais, depois de 1913, nas Lições Introdutórias à Psicanálise, de 1916 (FREUD, 1986, p. 379).

Devemos assinalar que entre 1914 e 1925 o discurso freudiano se gradua universalmente, se considerarmos também o esforço em dialogar com o domínio pedagógico. Freud percorre seus próprios passos em *Psicanálise e Teoria da Libido* de 1923 (FREUD, 1987, p.228 - 229), destacando que a psicanálise bem cedo ultrapassou a compreensão e influência dos sintomas neuróticos, ampliando elos possíveis dos processos anímicos inconscientes com outras áreas do conhecimento. Converteu-se numa psicologia profunda, universalizando-se às ciências do espírito; entre as mesmas, Pfister é

uma vez mais lembrado, pelo êxito em transpor o umbral que separa a psicanálise da teologia e pedagogia, atraindo pastores e pedagogos para a aplicação já bem desenvolvida dos conceitos psicanalíticos à educação. Seus esforços acabaram por influenciar uma visão seletiva do exercício da psicanálise, restrita apenas aos médicos: seu uso pelos leigos tornava-se doravante uma extensão das suas aplicações (FREUD, 1991d, p.96). Esta abertura, sinalizando novos ares, deslocava o foco analítico para os não-neuróticos; e é em torno deste novo *élan* conceitual que entendemos a terceira e última etapa da alta estima freudiana pela pedagogia.

4. A educação para Freud: 1925-1933

Lembrando que o tema da infância tornou-se em 1925 o principal objeto da investigação psicanalítica, deslocando a primazia ao estudo apenas das neuroses, Freud (1991e, p.565-567) prefacia um livro de August Aichorn, presidente nesta época do Instituto Psicanalítico de Viena, concernente à influência educadora em menores desamparados. O início do texto nos chama a atenção, ao selar a importância da atividade pedagógica para o desenvolvimento infantil:

“De todas as aplicações que a psicanálise teve, nenhuma despertou tanto interesse, nem inspirou tantas esperanças e atraiu conseqüentemente tantos colaboradores capazes, como a teoria e a prática da educação infantil. É fácil compreender isto, pois a criança converteu-se no principal objeto de investigação psicanalítica e substituiu em tal sentido ao neurótico, com o qual aquela iniciou seu trabalho. A análise demonstrou que no doente, como no sonhante e no artista, a criança pouco se modifica, na

medida em que continua viva; elucidou suas energias pulsionais e as tendências que estampam no pequeno ser seu selo característico. Perseguiu a via de desenvolvimento que, da criança, leva à maturidade do adulto. Não causava surpresa o aparecimento da esperança de que o empenho da psicanálise sobre a criança beneficiasse a atividade pedagógica, a qual guia, apóia e protege a criança dos seus erros, em seu caminho para a maturidade” (FREUD, 1991e, p.565).

Dentre os empregos mencionados, a ênfase recai sobre o trabalho de Aichorn, diretor, muitos anos, em Institutos Municipais de Assistência Social. Seu comprometimento com as necessidades psíquicas das crianças desamparadas enleva o mestre vienense. Se a psicanálise pouco podia ensiná-lo, a este respeito, oferecia nítidas justificativas teóricas para sua ação educacional. De sua atividade, dois pontos são considerados. O primeiro concerne à relevância concedida à formação psicanalítica e a sujeição à análise pelos educadores, pois o acesso ao enigmático mundo infantil estaria condicionado a vivências internas por parte de quem educa. Já o segundo ponto diz respeito a uma separação entre a ação pedagógica em crianças e o recurso auxiliar oferecido à educação por uma psicanálise infantil; conforme menciona Freud, um menor desamparado que deve ser educado não é um neurótico, diferentemente do adulto que precisaria reelaborar falhas e lacunas em seu desenvolvimento psicológico através da análise.

Ainda sobre a situação analítica, um ano depois, ele vai descobrir duas contribuições da análise para o mundo educacional. Uma delas com o texto *Psico-Análise*, de 1926 (FREUD, 1991g, p.305), ao indicar de que modo

os adultos transferem para o analista vínculos emocionais carinhosos e hostis, suscitados na infância em torno dos pais, reeducando, pela transferência, resistências e recalques do passado individual. Outra contribuição, mencionada em *A Questão da Análise Leiga*, de 1925 (FREUD, 1991d), quando esclarece como pode ser retificado o difícil caminho que vai das primeiras disposições à civilização, produzindo neuroses sob a pressão quase insuportável do mundo civilizado, se pedagogos e psicanalistas atuassem profilaticamente contra o adoecimento psíquico nas crianças.

E é a infância que traz, em 1933, “a mais importante das atividades concernentes à psicanálise: [...] a educação de gerações vindouras” (FREUD, 1991i, p.157). Reconhecendo os méritos do trabalho de sua filha Anna, a este respeito, Freud relembra que seu rumar para a pedagogia foi decidido justamente pelo aprofundamento das características psíquicas infantis. A análise dos adultos revelava a importância dos primeiros anos de vida (até os cinco anos, aproximadamente); neste período, não só se destacava o irromper da sexualidade, legando para a maturidade uma herança psicológica decisiva, mas, também, a incidência de impressões sobre um ego imaturo e débil, gerando, com frequência, traumas. Possíveis transtornos psicológicos podiam se consolidar ao longo do desenvolvimento humano, problematizando a ação educacional na idade pueril:

“Compreendemos que a dificuldade da infância reside em que o menino deva assimilar, em um breve período de tempo, os resultados de um desenvolvimento cultural que se estende através de milênios inteiros, o controle das pulsões, a adaptação social [...]. Só uma parte desta

transformação o menino pode alcançar por meio de seu próprio desenvolvimento; o resto deve ser imposto a ele pela educação” (FREUD, 1991i, p.158).

Ele relembra, na seqüência do texto, que não vacilou em aplicar a análise em crianças propensas a adquirir sintomas neuróticos. Os ganhos com este passo valeram os riscos da tentativa. Em acréscimo, reforçou a conclusão de que a educação cumpria imperfeitamente sua missão, por causar, com freqüência, graves danos psicológicos. Freud mostra-se convicto de que ela só seria promissora se aceitasse uma proximidade incondicional com a psicanálise, levando-a a impedir um dos principais fatores que desencadeiam enfermidades neuróticas: os traumas infantis acidentais. Reconhece, no entanto, impossibilidades para uma pedagogia psicanalítica suprimir a intensidade das pulsões. A força pulsional, a este respeito, deve ser antes devidamente considerada, para um bom entendimento do que atua psiquicamente na criança. E é no caminho desta consideração que são revistas necessariamente as exigências sociais dominantes. Pois, sob o olhar psicanalítico, qualquer ponderação sobre a ação educacional deve ser rigorosa nas conjecturas sobre a civilização, para descobrir de que modo as instituições civilizadas transformam-se em focos do adoecimento neurótico.

Conclusão

Ao se encontrar com Pfister, Freud indica, com a clareza que lhe é peculiar, como a educação roubou parte das suas maiores preocupações. Através dela, ele ampliou o que havia descoberto sobre pormenores do mundo infantil, acessando o caminho pelo qual processos pedagógicos, amparados por

parâmetros psicanalíticos, asseguravam a profilaxia das neuroses.

O encontro, em questão, tornou-se uma das facetas da psicanálise, assinalando um de seus interesses científicos. Para examiná-lo na grande obra, admitimos três etapas. Num primeiro momento, entre 1909-1913, verificamos que a educação deve priorizar a condição humana em torno da socialização da criança e do adulto, sem levar a perdas na capacidade de agir ou se comportar. Para isto, o pedagogo-psicanalítico, educando sem a interferência de seus ideais pessoais, viabilizaria uma reconciliação com impulsos associativos e perversos presentes na infância. As energias psíquicas, embasando, então, o comportamento humano, alicerçavam as bases para uma aproximação definitiva da psicanálise com a pedagogia. Num segundo momento, entre 1914-1925, elas não são esquecidas. Freud acentua o papel notável desempenhado pelos impulsos sexuais e destinos da sexualidade para seu rumar pedagógico. Encontra um obrar educativo no centro do tratamento psicanalítico, na medida em que os analisandos aprendem a trocar o prazer imediato, psiquicamente danoso, por outras satisfações mais seguras e adequadas à realidade, não obstante, adiadas. A proximidade com a pedagogia reforça, nesse período, a universalização da psicanálise às ciências do espírito. Num terceiro momento, finalmente, entre 1925-1933, o trabalho de Aichorn sobre menores desamparados cristaliza a infância como tema privilegiado de uma pedagogia-psicanalítica. Para o encontro destas áreas, segundo conclui Freud em 1933, a análise clínica infantil podia alicerçar o que a educação não conseguia com as crianças, recolocando para o mundo psíquico o teor humano das exigências civilizadas e sociais, sob a assimilação necessária da força pulsional.

Referências

FREUD, S.; PFISTER, O. **Briefe** 1909-1939. Hamburg: S.Fischer Verlag, 1980. Zweite Auflage.

FREUD, Sigmund. Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben (1909). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1993. Siebte Auflage. Band VII. Seiten 243-377.

_____. Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung (1912). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1996. Neunte Auflage. Band VIII. Seiten 375-388.

_____. Das Interesse an der Psychoanalyse (1913). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1996. Neunte Auflage. Band VIII. Seiten 389-420.

_____. Die psychanalytische Methode, eine Erfahrungswissenschaftlich-systematische Darstellung von Dr. OSKAR PFISTER, Pfarrer und Seminarlehrer in Zürich (Pädagogium, herausgegeben von Prof. Dr. Oskar Messmer, Band I). Julius Klinkhardt Verlag, Leipzig (1913). Unveränderter Neudruck 1921, dritte, umgearbeitete Auflage 1942. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Achte Auflage. Band X. Seiten: 448-450.

_____. Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung (1914). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1991. Achte Auflage. Band X. Seiten 43-114.

_____. Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit (1916). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Achte Auflage. Band X. Seiten 363-392.

_____. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1916). In: ---.

Gesammelte Werke. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1986. Achte Auflage. Band XI. Seite 5-497

_____. “Psychoanalyse” und “Libidotheorie” (1923). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1987. Neunte Auflage. Band XIII. Seiten 209-234.

_____. Selbstdarstellung (1925). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV. Seiten 31-96.

_____. Geleitwort zu Verwahrloste Jugend, Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung, Zehn Vorträge zur ersten Einführung von August Aichorn (Internationale Psychoanalytische Bibliothek, Nr. XIX) (1925). Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Leipzig-Wien-Zürich (1925). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Band XIV. Siebente Auflage. Seiten 565-567.

_____. Die Frage der Laienanalyse (1926). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV. Seiten 207-298.

_____. Psycho-Analysis (1926). In: --. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV. Seite 305.

PFISTER, Oskar. The illusion of a future (1928). In: **International Journal of Psycho-Analysis**, 74. 1993, p. 557-579.

FREUD, Sigmund. Die Zukunft einer Illusion (1927). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV. Seiten 323-380.

_____. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1933). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XV. Seiten 5-208.



* **SERGIO SKLAR** é Professor-Adjunto do Departamento de estudos da subjetividade humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação-DESF-UERJ).